

---

# TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO MÉDICA NAS DÉCADAS DE 1950-1960



*Aula de Histologia para alunos de medicina na Faculdade de Medicina da UFRJ, na década de 1960.*

*Flávio Edler e Maria Rachel Fróes da Fonseca \**

**A partir da década de 1950, os debates em torno da formação médica,** em especial aqueles que questionavam o conteúdo curricular e o processo de ensino, perdem definitivamente seu viés informal e paroquial. Na América Latina, organismos internacionais, destacadamente a Organização Pan-Americana de Saúde, as fundações Rockefeller e Kellog, a Federação Pan-Americana de Associações de Faculdades (Escolas) de Medicina (Fepafem) - criada em 1962 - e a Associação Latino-Americana de Faculdades e Escolas de Medicina (Alafem) - criada em 1984 e ideologicamente alinhada à esquerda do espectro político -, promovem a crítica da separação entre a medicina curativa e a preventiva, a partir de diferentes marcos teóricos. Paralelamente, o afluxo de médicos residentes, que foram se especializar principalmente nos EUA, conforma um movimento cuja influência “silenciosa” não pode ser desprezada. Como nota um estudioso do tema, estes últimos estabeleceram vínculos culturais que potencializaram a apropriação indiscriminada de tecnologias e de seu incremento nos ambientes de ensino e de serviços médicos<sup>1</sup>.

---

Os questionamentos ao modelo de ensino Norte-Americano, que aqui chegou sob a etiqueta de “modelo flexneriano” - o qual discutimos em suas linhas gerais no artigo anterior - parece ter sido contemporâneo à sua

introdução. Assim, já num seminário ocorrido em Cali (Colômbia), realizado em 1955 sob os auspícios da OPS, é possível constatar ecos da conferência de Colorado Springs, onde foram lançadas as bases de uma

---

“medicina integral”. Desde esse seminário precursor, bem como dos que ocorreram em Viña del Mar (Chile) e Tehuacán (México), em 1956, consolidam-se os esforços para o desenvolvimento das disciplinas básicas, para a introdução do ensino dos aspectos preventivos, sociais e para a criação de departamentos de medicina preventivas nas escolas médicas Latino-Americanas.

O que ocorria no Brasil, nesse contexto? De um modo geral, o fenômeno mais saliente das mudanças que estão ocorrendo no ambiente médico acadêmico, desde o início dos anos 60 é a explosão da oferta de vagas para estudantes. Das 26 escolas médicas que existiam até 1960, passamos para 73 em 1973. Enquanto a média de formandos, em 1960, era de 1200 alunos, essa cifra alcançaria 3000, em 1970. Estes dados acompanham o processo de urbanização e expansão da economia, intensificado desde a década de 1960. No contexto Latino-Americano, o Brasil destoa, porque a expansão se fez com base nas escolas privadas e isoladas (44% dos estabelecimentos em 1972). Esta tendência reforçou a concentração regional, no Sudeste, e se deu sem um compromisso com a qualidade ou com as propostas curriculares inovadoras. A Comissão do Ensino Médico do MEC, instituída em 1971 apontou em diversos documentos as mazelas sofridas pelo ensino: corpo docente desqualificado, com pouca ou nenhuma experiência em pesquisa; falta de infra-estrutura para a pesquisa; professores convidados itinerantes; falta de campo para a prática de estudantes, na fase clínica ou de internato; isto é, cursos eminentemente teóricos sem a realização de estágios práticos. As experiências inovadoras ocorreram, em sua maioria, nas escolas públicas, seja nas escolas de maior tradição e prestígio – Curso

Experimental de Medicina da USP, reforma curricular na Faculdade de Medicina da UFMG - ou em escolas novas - a experiência curricular da Faculdade de Medicina da UNB, das faculdades de Medicina de Botucatu, Unicamp, e Ribeirão Preto.

Em geral estas experiências foram efêmeras. Segundo Laura Feuerwerker “praticamente todas sucumbiram ao modelo hegemônico da educação médica (prática baseada fundamentalmente no hospital-escola, currículo marcado pela fragmentação do conhecimento em função do processo de especialização, metodologias de ensino tradicionais, centradas no professor)”<sup>2</sup>.

No próximo artigo, analisaremos a experiência curricular da Faculdade de Medicina da UNB no contexto de sua criação.

---

#### Referências Bibliográficas

- 1 ALMEIDA, Márcio José. “A educação médica e as atuais propostas de mudança: alguns antecedentes históricos”, *Rev. Bras. Educ. Med.*, Rio de Janeiro, v.25, nº 2, maio/ago 2001, p. 42-52.
- 2 FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. **Mudanças na educação médica e residência médica no Brasil**, São Paulo, Hucitec/Rede Unida, 1998.

---

\* Pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Flávio Edler, doutor em Saúde Coletiva e Maria Rachel da Fonseca, doutora em História. Integrandes do projeto “História da Educação Médica no Brasil no Século XX”, parceira da ABEM, da Casa de Oswaldo Cruz e ESNP, da FIOCRUZ.